

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

Emerita—Boletín de lingüística y filología clásica. Tomo xii. Semestres 1.º y 2.º, 366 pp. Madrid, 1945.

Sem dúvida, de nenhum especialista de filologia clássica em Portugal ou de qualquer pessoa verdadeiramente interessada por estes estudos é desconhecida a revista *Emérita*, publicada em Madrid pelo *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, sob a directa intervenção do *Patronato «Menéndez y Pelayo»* e do *Instituto «Antonio de Nebrija»*.

E, por certo, também nenhum deles ignora quanto esta revista tem contribuído para um maior desenvolvimento dos estudos clássicos, ou para maior disseminação das conclusões apuradas pelas mais recentes investigações científicas.

O presente volume, contudo, merece-nos especial menção, por isso mesmo que foi publicado em comemoração do quinto centenário do nascimento de Nebrija, ocorrido em 1444. E, não só pela importância da figura comemorada, como ainda pela natureza de alguns estudos inseridos no volume acima indicado, importa à índole desta revista assinalar o facto, e dele tirar desde já meditação e exemplo para o estudo que nos estão exigindo de há muito alguns dos nossos mais notáveis humanistas do século de Quinhentos.

Pelo que toca à figura do grande fixador da língua espanhola, já Bywater, em 1908, lamentara a falta de um estudo completo sobre a obra de Nebrija, que não esquecesse a amplitude da sua actividade e fixasse o valor científico dos seus escritos. Para satisfação deste desejo, o *Instituto «Antonio de Nebrija»* resolveu, em Janeiro de 1943, publicar em forma de miscelânea vários estudos relacionados directa ou indirectamente com a figura do seu patrono, para o que obteve colaboração de estudiosos nacionais e estrangeiros. Dela se apresenta agora o primeiro volume, que pro-

NOTA DA REDACÇÃO. — Nem todas as recensões agora incluídas na secção de «Crítica bibliográfica» dizem respeito a obras de publicação muito recente. Se tal acontece, é porque a revista do Instituto de Estudos Clássicos levou alguns anos a organizar e cedo começaram a receber-se contribuições dessa natureza. De futuro, todavia, far-se-á o possível por que as obras a criticar sejam sempre, em data, mais ou menos próximas de cada volume de *Humanitas*, ao mesmo tempo que se procurará, sob vários aspectos, melhorar esta secção.

mete ser seguido de dois outros, para os quais o referido Instituto possui trabalhos inéditos.

O primeiro volume é já, no entanto, claro índice da natureza da comemoração e do escrúpulo científico posto na glorificação de uma figura que não precisa de enfeites imaginários para se adornar. Nem a responsabilidade docente dos autores que subscrevem os artigos se compadeceria com outra atitude, nem o tom em que foram escritos nos deixa suspeitar de que houvesse no estudo da figura de Nebrija um deliberado intuito de exaltação, para além do que naturalmente decorre da sua vida útil e operosa.

Uma das observações de carácter geral que o leitor será levado a fazer é precisamente a de que o presente volume não manifesta qualquer matiz laudatório de um *In memoriam*, antes se limita a fixar muito objectivamente tudo o que, de muito ou pouco significativo, documentalmente se verificou até hoje, ou, com igual base, se pode legitimamente estabelecer como hipótese.

Não nos cabe a nós, que estamos longe das fontes de informação e que não podemos dedicar-nos ao seu estudo particular, averiguar da plena certeza das conclusões apresentadas ou da justeza dos raciocínios feitos. Mas podemos registar aquele sentimento de convicção que nos ficou, resultante da laboriosa documentação apresentada, e aquela sensação de segurança que a continência dos raciocínios gera sempre no espírito de qualquer leitor suficientemente avisado.

Registemos também que os estudos insertos neste volume são de diferente natureza e alcance. Uns, como os de Antonio Calderón y Tejero, de M. García Blanco e de Antonio de la Torre, investigam aspectos relativos à biografia de Nebrija e, particularmente, à sua casa natal, à sua casa em Salamanca, e à que habitou em Alcalá de Henares. O primeiro destes autores faz seguir o seu artigo da publicação de duas poesias latinas de Nebrija, a segunda das quais na sua forma mais autêntica e primitiva, e que nos informam suficientemente da sua facilidade de composição em verso, da sua elegância no dizer latino e da sua sensibilidade poética.

Outros incidem particularmente no estudo de personalidades ou de temas relacionados com a figura de Nebrija. Tal é o de Antonio Tovar, ao situar a actividade crítica de Fernán Núñez de Gusmán sobre os manuscritos helénicos da Universidade de Salamanca, e especialmente sobre o códice B dos bucólicos gregos. Tal é o estudo, algo deslocado, de Felipe Mateu, sobre a decadência da escrita no século xvi, e idêntico em propósitos o trabalho de Miguel Batllori, S. I., ao apresentar-nos a figura do humanista do século xviii, Juan Andrés. Antonio Marín Ocete fala-nos das relações de amizade pessoal e cultural entre Nebrija e Pedro Mártir de Angleria, renascentista italiano de quem o primeiro prefaciou e elogiou algumas obras. E Manuel de Montoliu, num breve mas claro artigo, faz a indicação do problema do predomínio da província de Castela-a-Velha sobre outras províncias espanholas que deram a Espanha os maiores poetas quinhentistas e onde, no entanto, o esplendor literário não resistiu ao ímpeto conquistador da fala castelhana.

De outro relevo e importância para o estudo directo da figura de Nebrija e de outro valor informativo para o conhecimento da sua acção cultural e do papel que desempenhou na difusão do humanismo em Espanha são, no entanto, os artigos de Mariano Basols de Climent, de Ign. Errandonea, S. I., e de Benito Sánchez Alonso.

O primeiro analisa a difusão que a Gramática Latina de Nebrija alcançou na Catalunha e a influência que exerceu no melhor conhecimento do idioma do Lácio. A gramática de Francisco Sánchez de las Brozas, um século depois, continuaria a sua tentativa da depuração do latim, tendente a dar-lhe, como linguagem de intercâmbio cultural, o recorte dos autores clássicos da antiga Roma. No entanto, Nebrija continuaria a servir de base para a elaboração dos livros escolares, por ser mais lógico e menos artificioso, mais destinado a indicar o «como» dos fenómenos linguísticos do que a discutir os «porquês».

Uma análise comparativa da Gramática Latina de Nebrija com o *Doctrinale* de Alexander de Villa Dei, dos princípios do século xm e largamente utilizado nas universidades mais famosas da Europa, permite ao autor fazer-nos notar como Nebrija se afastara do conceito medieval, que fazia da gramática uma ciência especulativa que quase prescindia da forma em que uma língua se manifestava, para lhe atribuir um objectivo mais humilde, útil e positivo, qual era o de ensinar a falar e a escrever correctamente, com base no uso e autoridade dos grandes escritores. A sua própria documentação é diferente, por isso que, em vez de se abonar com os gramáticos medievais, vai procurar a base das suas afirmações principalmente em Donato, e em Prisciano, Sêrvio e Cícero.

O segundo dos autores indicados faz-nos assistir à evolução histórica da pronúncia do grego, para nos mostrar quanto a acção e ensino de Nebrija estão na base da pronúncia vulgarmente chamada erasmiana, e quanto Erasmo dele aproveitou para escrever, com maior desenvolvimento e mais larga fundamentação, o seu famoso *De recta Latini Graecique sermonis pronuntiatione Dialogus*. O autor não deixa de nos chamar a atenção para o carácter apriorístico de alguns argumentos de Nebrija, mas igualmente se não esquece de pôr em relevo como, através das várias oscilações da pronúncia do grego, se mantiveram os princípios fundamentais expostos por Nebrija e como o neo-humanismo alemão do século xix veio rebater a atitude pseudocientífica de Henning) que, em 1684, defendera a leitura do grego com base nos mesmos princípios da leitura tradicional latina.

Finalmente, no último artigo, registam-se alguns aspectos da autoridade e originalidade que o grande humanista alcançou no campo da história. Por certo que a atitude geral de Nebrija havia de ser semelhante à de quantos humanistas do Renascimento encontraram em Tito Livio e outros autores os moldes da sua elaboração historiográfica. Concebida a história como obra fundamentalmente literária e embelezadora da vida, como mestra e fonte de exemplos morais, necessariamente que não havia de presidir à sua elaboração um critério rigorista de exactidão e de verdade dos pormenores. A fácil aceitação de notícias mal fundadas, a apresen-

tação de discursos mais eloquentes do que verosímeis, forjados ou modificados, haviam de ser inevitavelmente o defeito geral da obra histórica de Nebrija, como o foram da maior parte dos historiógrafos renascentistas.

Mas nem por isso se deixa de mostrar o tino e sagacidade com que Nebrija discorre quando considera errada qualquer asserção alheia, o modo como acrescenta à sua matéria esclarecimentos onomásticos e geográficos, e, sobretudo, o recorte da sua prosa latina, não eivada dos hipérbatos e construções rebuscadas do tempo, mas diáfana e singelamente elegante. Isto, no que toca à sua adaptação humanística da obra em castelhano de Fernando del Pulgar, como no que diz respeito à obra original *De bello Navariensi*, de cujos acontecimentos fora testemunha directa e cujo relato é intencionalmente animado, com capítulos esmerados e com sagacidade de atitude, tendente a justificar moral e politicamente os feitos dos Espanhóis aos olhos dos próprios Espanhóis.

Com estes tres artigos a que últimamente nos referimos, a figura intelectual de Nebrija fica perante nós mais iluminada e adquire maior significado. Aguardemos por isso que os dois outros volumes prometidos tragam para este campo idêntico, se não maior, contributo, e que neles predomine a feição interpretativa e avaliadora da sua obra, mais do que a visão biográfica ou meramente exterior da sua pessoa.

F. COSTA MARQUES

Palaestra Latina — An. xvii — N.º 102. MM. Decembri et Januario.

An. D. mcmxvi-vii. Barcinone.

A uma revista da natureza de *Humanitas* não pode ser indiferente que há anos se venha editando em Espanha uma publicação que, sem ter intuítos fundamentalmente científicos, tem contudo contribuído para manter entre nós o conhecimento e domínio efectivo da língua latina.

O número de *Palaestra Latina* que temos presente vem-nos recordar todos os serviços devidos a tal publicação, dos quais importa dar algum conhecimento ao leitor menos informado.

Sucedânea de *Candidatus Latinus*, que, de 1928 a 1930, se publicou na Universidade de Gervera, dirigido por professores da congregação do C. M., logo o seu objectivo fundamental foi expresso no primeiro número daquela revista pelas seguintes palavras: *Nonne vult Reverentia tua ut adulescentes tibi commissi lingua Latina libenter, fructuose, solide imbuantur*? E de então para cá esta publicação não se desviou ainda do seu alvo didáctico, embora seja possível, folheando todos os seus números, encontrar nos mais recentes uma feição algo diversa.

De 1936 a 1938, por motivo das agitações políticas e sociais da época e da morte violenta do seu prestigioso director, o professor Manuel Jové, G. M. F., a publicação da *Palaestra Latina* esteve interrompida; mas